

HIPERCONNECTIVIDADE E AUTOCANCELAMENTO O EU EM TEMPOS DE EXCESSO¹

Berta Hoffmann Azevedo,² São Paulo

bertaazevedo@hotmail.com

Resumo

A autora recorta o movimento psíquico que nomeia como autocancelamento, escutado e manejado na clínica psicanalítica, e o discute no contexto da hiperconectividade característica da atual sociedade pós-moderna. Os efeitos de sobrecarga para o narcisismo contemporâneo são pensados articulando sintomas sociais e individuais, um episódio de *Black mirror* utilizado como alegoria, além de bibliografia psicanalítica e sociológica.

Palavras-chave: hiperconectividade, narcisismo, trabalho do negativo, transparência e psicanálise contemporânea

Hyperconnectivity and self-cancellation: the self in times of excess

Abstract: The author highlights the psychic movement that she names as self-cancellation, heard and managed in the psychoanalytic clinic, and discusses it in the context of the hyperconnectivity characteristic of current postmodern society. The overload effects of contemporary narcissism are thought of as articulating social and individual symptoms, linked to an episode of *Black mirror* as an allegory, in addition to psychoanalytic and sociological bibliography.

Keywords: hyperconnectivity, narcissism, work of the negative, transparency and contemporary psychoanalysis

Narcisismo em queda livre

Diz um provérbio, citado por Zygmunt Bauman (2000/2021, p. 149), que “os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais”. Começo este artigo recortando duas situações clínicas de sofrimento que trazem as tintas do nosso tempo.

A primeira é de uma adolescente que tentou suicídio após uma atitude sua exposta na Internet. Sentindo-se revelada como uma péssima pessoa,

1 Baseado na apresentação na mesa-redonda “O Eu em tempos de excesso”, no 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, realizado em Campinas (2023).

2 Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Editora do *Jornal de Psicanálise*. Coordenadora do módulo História da Escuta Psicanalítica do curso Introdução à Escuta Psicanalítica (DAC-SBPSP). Autora de artigos sobre psicanálise contemporânea e do livro *Crise pseudoepiléptica* (Coleção Clínica Psicanalítica, Pearson).

imaginou não ter mais ambiente para viver, tamanha falha pública, e, impulsivamente, ameaçou a própria vida.

A outra é de uma jovem mulher que não suportava ter rede social: ver a conquista dos outros a perturbava e sentir-se constantemente avaliada era ainda pior. A leitura autorreferente do feed alheio a remetia, por contraste, à própria vida. Por vezes pontualmente voltava a se conectar, o que me dava a oportunidade de testemunhar a persecutoriedade deflagrada. Sentia-se claramente em perigo, exposta a riscos em seu olhar sobre si mesma. A mobilização narcísica, insuportável nas redes, era apenas uma versão virtual da crítica vigilante que também a torturava nos encontros sociais: assombrada pela ameaça de deslizamentos de inadequação, era lançada num escrutínio feroz de seus movimentos, o que tornava penosa cada uma dessas interações.

Surge *Black mirror* como associação: em sua incrível capacidade de construir distopias tão malucas quanto precisas, o episódio “Queda livre” (Wright, 2016) ofereceu uma caricatura do que os fragmentos clínicos me faziam ver.

A história se passa numa realidade, não tão distante, na qual cada pessoa do mundo tinha sua existência avaliada por meio de um aplicativo. Pessoas bem cotadas em escala de 0 a 5 recebiam descontos e eram incluídas em programações valorizadas. Notas baixas, por sua vez, rendiam a seus portadores olhares desconfiados de pena ou repulsa.

Na mão, todos estavam munidos de um celular, que, tal qual uma arma, era capaz de destruir uma reputação lapidada com esmero ao longo dos dias, meses ou anos. Em um único clique era possível “negativar” alguém, linguagem relativa a uma avaliação zero, mas também alusiva à ameaça de desaparecimento. A personagem principal, Lacie, era uma boa moça de sorriso doce, treinado no espelho para capturar likes. O espectador acompanha seu dia a dia, preenchido de relações artificiais, muito mais alimentadas pela preocupação com a própria imagem que voltadas a um encontro genuíno. A cena de um café bonito, mas sem gosto, retrata seu lugar no mundo naquele momento.

Tudo começa a mudar quando nossa protagonista, que, de tão submetida aos veredictos alheios, pouco merece esse nome, se vê interessada em um pequeno aumento de score para aquisição de um imóvel. Um consultor de imagem garantiu-lhe orientações. Ela descobre quão valioso é ter amigas, não quaisquer, nem as de que mais gostasse, mas precisamente as com avaliação acima de 4,5. Pessoas como essas rendem admiração, alavancando a popularidade para novos níveis.

Foi assim que, pelas redes, retoma contato com uma amiga de infância bem pontuada, cujas mágoas foram relevadas em nome do que importa: sua

cruzada na direção de nota. Num único contato telefônico desde a adolescência, é surpreendida pelo convite para ser sua dama de honra e para, como amiga mais antiga, fazer um discurso bonito sobre ela. O convite nada desinteressado encomendava um tijolo a mais na construção de uma imagem vendável de si. Nessa corrida ambas perseguiram o mesmo.

O frágil equilíbrio que caracterizava o início do episódio é quebrado pelo desespero que passa a enlouquecê-la. Na tentativa de chegar ao casamento da amiga, peça-chave para sua popularidade, descontrola-se com atendentes, esbarra em passageiros e grita impaciente tentando fazer com que ouçam sua urgência. Tudo o que vinha sendo contido com zelo ao longo de anos escapa numa sucessão de reações espontâneas de irritação. Deslizes imperdoáveis, implacavelmente punidos com redução de pontuação, que entrava em queda livre, levando junto seu narcisismo.

Já não estava mais em jogo um aumento de nota, e sim uma espécie de sobrevivência. Sôfrega, como que lutando para salvar um andaime que escorava seu ser, nossa heroína se lança em um vale-tudo descontrolado. Sem êxito no aeroporto ou com o aluguel de carro, apela para a tentativa de obter carona na rodovia, até ser finalmente resgatada por uma desconhecida motorista de caminhão pontuada como 1,4. Sendo Lacie agora uma 2,8, não podia se dar ao luxo de tentar sorte melhor.

Tal como uma espécie de psicanalista a interrogar o aprisionamento nessa lógica causadora de sofrimento, a motorista a conduz por uma estrada que mais parece uma fenda espaçotemporal, em que uma vida espontânea e desidealizada é ainda possível e valorizada. Naquela cabine, deixar de submeter-se à tirania da imagem era comparável a tirar os sapatos apertados. Para o espectador, perplexo por acompanhar a opressão de uma sociedade tentando sustentar o insustentável, surge um alívio diante de alguém fora do transe, numa espécie de *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago, 1991/2020).

À semelhança das situações clínicas descritas, a personagem de *Black mirror* não sofre de um delírio pessoal. Suas questões próprias estão incluídas no marco de um movimento cultural mais amplo. A caricatura não é particular, ainda que também o seja, mas de um movimento coletivo no qual estamos todos mais ou menos mergulhados.

A espetacularização digital

Guy Debord, já em 1967, em sua lúcida *A sociedade do espetáculo*, não apenas opera uma aguda análise crítica da sociedade de consumo moderna,

como anuncia o que viria a se tornar cada vez mais espetacularizado com o advento das mídias sociais.

Naquele momento a Internet não existia,³ e portanto não pode sozinha ganhar os créditos pela dinâmica enlouquecida que adquire contornos caricaturais em *Black mirror*. A tirania da imagem parece ter sido instrumentalizada pelas redes, ganhando novos alcances a partir de então.

Debord não entendia espetáculo como um conjunto de imagens, mas como relações sociais entre pessoas mediadas por imagens, reflexo da dominação da economia à vida social. Passada a degradação do *ser* para o *ter*, haveria um deslizamento do *ter* para o *parecer*. O espetáculo “não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (Debord, 1967/1997, p. 17). “Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (p. 17), ameaçando reduzir a vida humana à aparência, principal produção de uma sociedade do espetáculo.

Toda essa tendência descrita pelo filósofo francês não foi desmentida pelas dinâmicas que se apresentaram nos anos seguintes e fundamenta o cenário que hoje testemunhamos de substituição da busca por realização pela corrida por ser famoso. A ascensão de influenciadores digitais que, adornando a realidade com filtros sedutores, capitalizam a própria imagem para assuntos diversos escancara a pouca relação entre consistência e sucesso.

Mais de 10 anos depois de Debord, o consumo desenfreado de imagens e o culto a si mesmo são reafirmados por Christopher Lasch (1979), em *Cultura do narcisismo*. Sua análise das sociedades ocidentais burguesas e das mazelas de seu tempo enfoca o individualismo competitivo e a corrida por satisfação. A descrença política após os movimentos de vanguarda dos anos 1960 é interpretada como responsável pela posterior concentração americana em interesses pessoais. Já não capazes de dar a vida por um ideal, as pessoas se concentraram no próprio bem-estar físico e psíquico, de modo que a visão terapêutica teria desbancado a política e transformado queixas coletivas em problemas pessoais a serem tratados.

Nesse modelo de socialização, a propaganda da boa vida tornaria intoleráveis o fracasso e a perda. Na máxima “você quer, você pode, *just do it*”, a especulação narcísica da onipotência precede a bancarrota, levando à desesperada tentativa de sobrevivência narcísica. É nesse aspecto opressor de sobrecarga e tirania dos ideais de infalibilidade e sucesso que me interessa pensar.

3 A Internet surgiu nos anos 1960 nos Estados Unidos na época da guerra fria e para fins comerciais no Brasil apenas em 1995.

Nas décadas seguintes, a revolução digital acrescentou ingredientes capazes de impulsionar as realizações e os sofrimentos a patamares impensáveis até então, o que justificou o lançamento de um *Jornal de Psicanálise* com a temática “Hiperconectividade e exaustão” (Azevedo, 2022; Azevedo et al., 2022). Todas as possibilidades abertas com o uso da tecnologia e inteligência artificial criaram um fenômeno sem precedentes. Os tempos poderiam ser marcados pelas siglas AI/DI – antes e depois da Internet –, tal a amplitude de seu impacto.

O pathos da transparência (Han, 2012/2017b) que acomete os fenômenos sociais e cibernéticos característicos da sociedade contemporânea tende a destruir a negatividade em favor da positividade e coagir à disponibilização excessiva de registros pessoais. No contexto neoliberal no qual está inserido, a própria vida pode ser transformada em produto a ser vendido nas redes, embaralhando a fronteira entre uma vida e uma empresa. Sujeitos transformados em mercadoria, engajados em intensa produção de notoriedade sobre si.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008, p. 20), “ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”. A autopromoção e a mudança constante seriam respostas compatíveis com as necessidades de mercado. Cada sujeito se torna seu próprio objeto-propaganda, empresário de si mesmo (Han, 2010/2017a), que não apenas se auto-oprime, como relança a potencialidade de falência do Eu em níveis perigosos.

Poderíamos buscar contrapor as descrições sociológicas argumentando que os ideais sempre existiram e oprimiram à sua maneira cada um dos tempos. Suas recentes transformações, entretanto, parecem deslizar do ideal de renúncia da sociedade disciplinar, para o de excesso e autoexploração próprios do sujeito do desempenho (Han, 2010/2017a), favorecedores de efeitos diversos. Embora as críticas culturais corram o risco de soar moralistas, o que a sociologia empresta à psicanálise nos ajuda a considerar como se articulam sintoma individual e social, contexto sociopolítico-econômico e suas incidências na produção de subjetividade em cada tempo.

Sem dúvida que as possibilidades de uso da tecnologia são tão múltiplas como a alma humana, mas na vigência do capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021) é relevante o alerta que fazem autores como nosso colega Pedro Colli Badino de Souza Leite (2022) e a antropóloga Letícia Cesarino (2022) sobre a arquitetura nada inocente dos aplicativos, cuidadosamente criados para

favorecer engajamento e a captura de informações dos usuários aproveitando-se, para tanto, das vulnerabilidades narcísicas e necessidades de aceitação.

O Eu e o outro na cultura

A sobreexigência narcísica que quero sublinhar nos remete à problemática do Eu, tanto em sua dimensão libidinal e identificatória, quanto em sua função de mediação intersubjetiva e entre instâncias intrapsíquicas, dentro de um contexto social que o contém.

No movimento do pensamento freudiano, as pesquisas relativas ao Eu ganharam relevância à medida que o autor se engajava em aspectos clínicos que desvelavam a possível instabilidade na integridade do Eu ou na fluidez da circulação libidinal entre o Eu e seus objetos. De uma versão funcional, presente no “Projeto para uma psicologia científica”, como um conjunto facilitado de neurônios, o Eu passa a ser, em 1914, uma aquisição a ser conquistada a partir de uma nova ação psíquica. Sua análise em relação à psicologia das massas e aos processos identificatórios é desdobrada em 1921, e seu lugar como instância mediadora é sublinhado em 1923. Em “Neurose e psicose”, “A perda da realidade na neurose e na psicose”, “O fetichismo” e a “A clivagem do eu nos processos de defesa” (1924/2010d; 1924/2010f; 1927/2010e; 1940[1938]/2010a), Freud constrói parte das ferramentas metapsicológicas para os inquietantes fenômenos não suficientemente explicados pelo recalque. As defesas radicais capazes de afetar a unidade do Eu complexizam o pensamento freudiano e enriquecem a escuta do psicanalista.

Os sofrimentos narcísicos contemporâneos trazem para primeiro plano toda a temática relativa ao Eu e à estruturação do narcisismo, exigindo pensar não apenas sobre as condições de sua constituição e estruturação, como também sobre as defesas psíquicas que podem afetá-lo até um gesto que estou nomeando autocancelamento.

André Green sublinha a dimensão estruturante do narcisismo primário e complementa essa noção freudiana com seu conceito de estrutura enquadrante, “constituição, no Eu, do quadro materno como estrutura” (1967/1988, p. 125). Esse enquadre é interiorizado numa operação simultaneamente intrapsíquica e intersubjetiva que envolve a alucinação negativa da mãe (Green, 1993). Desse circuito de investimento que comporta mãe e bebê, pode surgir um investimento estável em uma unidade nomeada como Eu.

A partir do movimento reflexivo de duplo retorno (“retorno sobre a própria pessoa” e “transformação em seu oposto”), e como efeito do trabalho do negativo, estrutura-se uma plataforma de autoinvestimento e de função

objetalizante, herdeira de um circuito intersubjetivo. O contorno dos braços da mãe, no “holding”, uma vez internalizado como estrutura, favorece a separação primária e a constituição dos limites, além de um jogo capaz de sustentar o autoinvestimento de forma menos vulnerável às oscilações externas, *pari passu* à criação de um espaço em branco que serve como tela para representar.

O eixo de unificação em torno de um Eu é precedido por um tempo originário de indiscriminação, fundante de uma vivência inaugural de prazer. Esse sentimento de Eu autônomo e discriminado é antecipado pelo *outro significativo*, cujo desejo pelo *infans* tem por base suas próprias marcas pulsionais e ideais culturais.

Piera Aulagnier, em 1975, ressalta que “não é possível analisar a função do Eu e sua organização, sem considerar o campo sociocultural no qual vive o sujeito” (p. 22).

Nossa relação com o corpo, assim como nossa relação com a realidade, é, portanto, função da maneira como o sujeito ouve, deforma ou permanece surdo ao discurso do conjunto. É evidente que suas reações são a consequência da especificidade da sua economia psíquica, e não da particularidade da sua cultura, salvo sob certas condições excepcionais. Mas a análise dos postulados da mensagem cultural parece uma excelente via para abordar aquela das respostas que a psique vai lhe dar. (Aulagnier, 1975/1979, p. 14)

A assunção de um Eu capaz de se autonarrar, de fazer um trabalho sobre si mesmo contando-se de suas vivências corporais no mundo, assim como duvidando do pensamento do outro para pensar autonomamente, é construída nas relações, sob o impacto simultâneo do pulsional e do discurso cultural.

Se pensarmos a psicanálise “entre o quintal e o mundo” (Azevedo, 2023; Azevedo et al., 2023), então reconheceremos que os processos de subjetivação estão mediados culturalmente desde o encontro com o objeto primário. A cultura participa da relação que estabelecemos com nosso corpo, com os outros e com nós mesmos, afinal, a causalidade psíquica é tecida de fios diversos e complementares, e o ideal individual é forjado num caldo que ultrapassa o universo familiar, ainda que o inclua.

É nessa encruzilhada que um projeto identificatório para si pode ser constituído, investido e também passível de desinvestimento se diante de contratos impossíveis de honrar. Uma das saídas para o conflito identificatório pode ser a alienação (Aulagnier, 1975/1979) que impede um recuo de pensamento que põe suficientemente em questão o lugar de garantia do enunciado.

Sem o direito de duvidar, o destino da atividade de pensar fica comprometido e o sequestro pelo discurso alienante salta como horizonte.

Reconhecer o discurso dominante numa dada época ajuda o analista a escutar parte das razões e desrazões que empurram um sujeito particular a adotar soluções mais ou menos dessubjetivantes e autolimitantes para se defender dos excessos. A cultura, nessa perspectiva, marca a todos, mas não da mesma forma. As diferenças na estrutura do narcisismo primário (Freud, 1914/2010c; Green, 1967/1988), na construção singular do “espaço-entre” (Winnicott, 1971/1975), determinarão a estabilidade relativa dos investimentos de si, a capacidade maior ou menor de jogo produtora de identificações mais ou menos alienantes com o todo, capturas hipnóticas ou não ao discurso social antfracasso, formas diferentes de usar ou se deixar usar pelas redes. Os sofrimentos são então construídos historicamente no sentido singular e também coletivo.

As relações entre a sociedade positiva – que elimina espaços negativos internos e externos, submete sujeitos à hiperconectividade, superinformação e constante visibilidade, transformando-nos em mercadorias em exposição – e as diferentes espessuras da estrutura enquadrante do narcisismo precisarão ser consideradas conjuntamente no exame da sobrecarga do Eu que ameaça colapsar.

O estudo da heterogeneidade do trabalho do negativo e das múltiplas possibilidades estruturantes e defensivas do Eu favorece pensar o sentido do intervalo, do ritmo, do claro e escuro, das dobras psíquicas promotoras de representação. Permite também reconhecer as saídas dessimbolizantes quando essas condições mínimas não estão garantidas. O aparelho psíquico trabalha com pequenas quantidades, o excesso precisa ser filtrado. A desmesura pulsional, sem dúvida, mas também a das perturbações que se infiltram de fora. Transitando entre os recursos para ligar as excitações e a alternativa de reduzi-las ao zero, o sujeito se equilibra entre o sonho e o sono, entre a tendência narcísica para o um e aquela que tende à eliminação de tensão e ao nada.

A importação da lógica do cancelamento digital, entrelaçado ao ideal narcísico em volumes hiperpresentes nas redes, tece uma relação intolerante do sujeito consigo mesmo, e pode semear o germe do autocancelamento.

Autocancelamento: uma deriva dessubjetivante

Se voltarmos à primeira vinheta, veremos a violência da transparência incidente na relação dos adolescentes com a Internet, gerando impactos em uma estrutura narcísica vulnerável, o que resultou na sensação psíquica de não ter mais ambiente para existir. O conflito não se restringiu à privacidade dos envolvidos, tendo sido vivido numa espécie de Big Brother em escala global, sem

cobertura que a protegesse da vergonha pública nas redes. O cenário de superexposição somou-se à impressão de irreversibilidade do publicado e a fez sentir-se impotente em transformar imagens de si condutoras à ruína. Um produto incontornavelmente avariado em um mundo que não favorece o trabalho de luto da posição ideal. Com a perda do anonimato de sua maldade, sentiu-se impedida de manter um projeto identificatório no qual pudesse investir: negativamente. A experiência de ficar revelada, desmascarada e transparente para todos os que partilham a rede deixa de considerar que qualquer ato não revela um todo, nem é absoluto. Se é verdade que no incidente algo da paciente se mostra a ela, e a outros, o que Freud nos ensina é que o sujeito é dividido, tem em si mais de uma tendência e, nesse sentido, não pode ser transparente nem para si mesmo. Seria possível ao analista sustentar esse saber junto a alguém em épocas de cancelamento virtual e autocancelamento psíquico? Lembro-me de Green, o qual dizia que “ao ideal como medida impiedosa, ou seja, como desmesura, a psicanálise só pode opor um ideal da medida” (Green, 1983/2017, p. 266).

No segundo caso, o afluxo massificante de informações bombardeando o feed da paciente, com miragens editadas de vidas alheias, vinha machucar um narcisismo já maltratado e fazer naufragar qualquer ilusão de onipotência. O excesso, insuportável, encontrava como escudo protetor a alternativa de autoeliminação da sua existência nas mídias sociais, possivelmente uma medida de proteção contra se lançar a uma autoeliminação maior.

Numa atmosfera de sobrecarga, o sujeito encontra artifícios para não se inebriar toxicamente com essa lógica: contrapontos para negatar o mandato cultural hegemônico. Sabemos que as possibilidades são múltiplas, e nosso trabalho é escutar essas direções. Há o recurso a um jogo interno para não se esmagar por um ideal impossível, ações práticas como desabilitar aplicativos, assim como também medidas paradoxais diante do desespero, como o autodesabilitar-se em anestesiamento interno via desinvestimento. Reconhecer formas psíquicas de desertar subjetivamente em uma sorte de autocancelamento pode ser uma figuração fértil à escuta do psicanalista contemporâneo.

A aposta de Han é que “a sociedade positiva está em vias de reorganizar a vida humana de uma maneira totalmente nova” (2010/2017b, p. 19). Não há dúvidas de que somos cúmplices e testemunhas de uma colossal mudança de um tempo, e creio que não traímos a complexidade da psicanálise se considerarmos essas alterações nas relações cultura-sujeito articulando-se mutuamente. No que se refere à hiperconectividade e narcisismo, os homens se parecem com seus tempos, mas herdamos muito também de seus pais.

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1975)
- Aulagnier, P. (1985). *Os destinos do prazer*. Imago. (Trabalho original publicado em 1979)
- Azevedo, B. H. (2022). Hiperconectividade e exaustão [Editorial]. *Jornal de Psicanálise*, 55(102), 15-18.
- Azevedo, B. H. (2023). Entre o quintal e o mundo [Editorial]. *Jornal de Psicanálise*, 56(104), 15-18.
- Azevedo, B. H. et al. (2022). Carta-convite. Hiperconectividade e exaustão. *Jornal de Psicanálise*, 55(102), 19-21.
- Azevedo, B. H. et al. (2023). Carta-convite. Entre o quintal e o mundo. *Jornal de Psicanálise*, 56(104), 19-21.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Zahar.
- Bauman, Z. (2021). *Modernidade líquida*. Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. Ubu.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Contraponto. (Trabalho original publicado em 1967)
- Freud, S. (2010a). A clivagem do ego no processo de defesa. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (2010b). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2010c). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010d). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16). (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2010e). O feticismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17). (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2010f). A perda da realidade na neurose e psicose. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2010g). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 2). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2010h). Psicologia das massas e análise do ego. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15). Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1921)
- Green, A. (1988). Narcisismo primário: estrutura ou estado? In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1967)
- Green, A. (2010). *O trabalho do Negativo*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1993)
- Green, A. (2017). O ideal: medida e desmesura. In A. Green, *A loucura privada*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1983)
- Han, B.-C. (2017a). *Sociedade do cansaço*. Vozes. (Trabalho original publicado em 2010)
- Han, B.-C. (2017b). *A sociedade da transparência*. Vozes. (Trabalho original publicado em 2012)
- Saramago, J. (2020). *Ensaio sobre a cegueira*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1991)
- Souza Leite, P. C. B. de (2022). *Jornal de Psicanálise*, 55(102), 127-147.
- Winnicott, D. W. (1975). O lugar em que vivemos. *O brincar e a realidade*. Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Wright, J. (2016). *Queda livre*. *Black Mirror*. Netflix.
- Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Intrínseca.